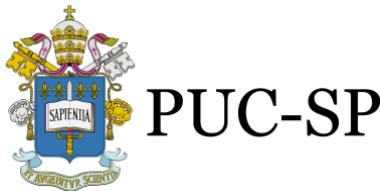


**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes**

**Gisele Gaitan Dias**

**Transliteração e Adaptação em Mangás Japoneses: Análise  
Comparativa de *Diários de uma Apotecária* entre a Obra Original e as suas  
Versões em Português e Inglês**

**São Paulo  
2025**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes**

**Gisele Gaitan Dias**

**Transliteração e Adaptação em Mangás Japoneses: Análise  
Comparativa de *Diários de uma Apotecária* entre a Obra Original e as suas  
Versões em Português e Inglês**

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela graduanda Gisele Gaitan Dias, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Bacharel em Letras-Tradução sob orientação da Profa. Dra. Elaine Alves Trindade.

**São Paulo  
2025**

**Gisele Gaitan Dias**

**Transliteração e Adaptação em Mangás Japoneses: Análise  
Comparativa de *Diários de uma Apotecária* entre a Obra Original e as suas  
Versões em Português e Inglês**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Banca Examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, para obtenção do título  
de bacharel em Letras: Língua Inglesa -  
Tradução Inglês/Português, sob orientação da  
Profa. Dra. Elaine Alves Trindade.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Elaine Alves Trindade - PUC**

**Data**

---

---

**Profa. Dra. Alzira L V. Allegro**

**Data**

---

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparativa das escolhas tradutórias nas versões em português e em inglês dos três primeiros volumes do mangá *Diários de uma Apotecária*, originalmente publicado em japonês. O estudo se concentra na tradução de nomes próprios e termos culturais em um contexto marcado pela relação entre elementos linguísticos japoneses e chineses, observando especialmente o emprego dos procedimentos de transliteração e adaptação orientados pelo uso do *furigana*, recurso que indica a leitura fonética dos caracteres, com base em referenciais teóricos da área de tradução, como J. C. Catford; Vinay e Darbelnet e Hans Vermeer; e Heloísa Gonçalves Barbosa. A análise mostra que a edição brasileira tende a adotar a transliteração chinesa para preservar referências culturais, enquanto a edição inglesa privilegia adaptações que promovem maior fluidez ao leitor ocidental. No entanto, essas tendências não são uniformes, pois as decisões variam conforme o propósito de cada tradução, conforme a Teoria de Skopos. Os resultados evidenciam que traduzir mangás envolve negociar sentidos entre línguas e culturas, processo no qual o tradutor desempenha um papel ativo na reconstrução dos significados.

**Palavras chave:** *Diários de uma Apotecária*; transliteração; adaptação; *furigana*; Teoria de Skopos

## ABSTRACT

This study presents a comparative analysis of the translation choices found in the Portuguese and English versions of the first three volumes of the manga *The Apothecary Diaries*, originally published in Japanese. The research focuses on the translation of proper names and cultural terms in a context marked by the interaction between Japanese and Chinese linguistic elements, with particular attention to the use of transliteration and adaptation procedures guided by *furigana*, a device that indicates the phonetic reading of characters. The analysis is grounded in theoretical references from the field of translation studies, including J. C. Catford; Vinay and Darbelnet; Hans Vermeer; and Heloísa Gonçalves Barbosa. The findings show that the Brazilian edition tends to employ Chinese-based transliteration to preserve cultural references, whereas the English edition favors adaptations aimed at offering greater fluency to Western readers. However, these tendencies are not uniform, as the decisions vary according to the purpose of each translation, in line with Skopos Theory. Overall, the results indicate that translating manga involves mediating meaning across languages and cultures, a process in which the translator plays an active role in reconstructing significance.

**Keywords:** *The Apothecary Diaries*; transliteration; adaptation; *furigana*; Skopos Theory

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A autora caracterizada durante uma entrevista .....	11
Figura 2 – <i>Diários de uma Apotecária</i> .....	12
Figura 3 – Evolução do <i>Kanji</i> .....	15
Figura 4 – <i>Hiragana</i> .....	16
Figura 5 – <i>Katakana</i> .....	16
Figura 6 – Exemplo de <i>Hanzi</i> .....	17
Figura 7 – Exemplo de <i>Furigana</i> .....	22
Figura 8 – Exemplo de <i>Furigana</i> no mangá.....	22
Figura 9 – Exemplo comparativo de Transliteração (PT) e Adaptação (EN).....	23

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela Exemplo – Nomes Próprios ou Termos Culturais .....	26
Tabela 1 – Transliteração: Nomes Próprios .....	27
Tabela 2 – Transliteração: Termos Culturais .....	28
Tabela 3 – Português Translitera versus Inglês Adapta: Termos Culturais .....	29
Tabela 4 – Inglês Translitera versus Português Adapta: Termos Culturais .....	30

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A AUTORA E A OBRA.....</b>	<b>11</b>
1.1 A Autora .....	11
1.2 A Obra <i>Diários de uma Apotecária</i> .....	12
1.2.1 Entre a história real e a ficção .....	13
1.2.2 Sistemas de escrita.....	15
<b>CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
2.1 Tradução de Mangás: História e Desafios .....	18
2.2 Transliteração e a fidelidade sonora .....	19
2.3 Adaptação e a busca por equivalência.....	20
2.4 Aplicação da Transliteração e da Adaptação em <i>Diários de uma Apotecária</i> .....	21
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 4 – A OBRA ORIGINAL E AS SUAS TRADUÇÕES: ANÁLISE COMPARATIVA DE PALAVRAS SELECIONADAS .....</b>	<b>27</b>
3.1 Análise dos Procedimentos de Transliteração: .....	27
3.1.1 Transliteração: Nomes Próprios .....	27
3.1.2 Transliteração: Termos Culturais .....	28
3.2 Análise dos Procedimentos de Transliteração vs. Adaptação: .....	29
3.2.1 Português Translitera versus Inglês Adapta: Termos Culturais .....	29
3.2.2 Inglês Translitera versus Português Adapta: Termos Culturais .....	30
3.3 Discussão dos Resultados e Tendências Identificadas .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>36</b>
ANEXO A – Material visual do Capítulo 1 .....	36
ANEXO B – Material visual do Capítulo 2.....	36
ANEXO C - Material visual do Capítulo 3 .....	36
ANEXO D – Material visual do Capítulo 4 .....	37

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar o curso de Bacharelado em Letras: Língua Inglesa – Tradução Inglês/Português, nesta renomada instituição, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), eu tinha motivação e história de vida que justificavam minha escolha pelo curso. Entre essas razões, destaca-se a paixão pela tradução, uma profissão imprescindível que amplia o acesso ao conhecimento e possibilita uma comunicação mais efetiva entre culturas.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) concentra-se em discutir questões de tradução, uma prática que envolve o uso de estratégias específicas para transpor significados de um sistema linguístico para outro, tornando compreensível um idioma que é desconhecido e/ou complexo para o público-alvo. Neste sentido, Barbosa (2020, p. 21)<sup>1</sup> observa que, como um modo de justificar a tradução não literal, foram desenvolvidos os chamados *procedimentos técnicos de tradução*, os quais evitam que o texto traduzido se torne tão literal a ponto de comprometer a compreensão do leitor-alvo.

Esta pesquisa tem como objetivo central realizar uma análise comparativa entre duas traduções (português e inglês) de palavras extraídas dos três primeiros volumes do mangá *Kusuriya no Hitorigoto*, conhecido no Brasil como *Diários de uma Apotecária*. A análise será conduzida com base em dois dos procedimentos: a transliteração, descrita por Catford e aprofundada por Barbosa, entendida como a conversão de caracteres de um sistema de escrita para outro, com o objetivo de preservar a sonoridade original; e a adaptação, apresentada por Vinay e Darbelnet e também desenvolvida por Barbosa, aplicada quando a situação representada na obra não existe ou é incomum na realidade dos falantes da língua de destino, sendo recriada por um equivalente compreensível no contexto da obra. A aplicação desses procedimentos será observada a partir do uso do *furigana*, recurso que indica a leitura fonética dos caracteres, influenciando diretamente as escolhas tradutórias.

Para contextualizar, mangás são histórias em quadrinhos japonesas, que surgiram no período feudal do Japão, no século XVI. Inicialmente, eram lendas contadas que, ao serem escritas e ilustradas, deram origem às histórias de mangás. Desde o começo, eram muito apreciados por sua capacidade de contar histórias de maneira dinâmica e visual, e nos dias atuais vêm se tornando extremamente populares e de grande interesse pelo mundo todo, principalmente entre o público jovem. São uma forma de expressão cultural e um tipo de literatura contemporânea, combinam imagens com escrita; trata-se de algo vivaz e expressivo,

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos de tradução: Uma nova proposta*. 3. ed. São Paulo. Pontes, 2020.

demonstra movimento. Além disso, os mangás possuem diversos subgêneros, como, por exemplo: infantil (*kodomo*), ação (*shounen*), romance (*shoujo*), homossexualidade (*yaoi/yuri*), entre outros. Essa variedade contribui para a formação de um público amplo e diversificado, permitindo que todos se sintam mais incluídos e identificados com as narrativas.

É importante destacar que o idioma japonês presente nos mangás, cada vez mais populares mundialmente, é um dos motivos que levaram à escolha de um mangá como objeto deste trabalho, devido às suas diferenças em relação aos idiomas ocidentais, diferenças que se evidenciam especialmente em comparação com as traduções escolhidas, que utilizam o sistema alfabetico latino, enquanto o japonês emprega três sistemas de escrita distintos, o que será abordado mais adiante. Assim, o japonês apresenta desafios linguísticos e culturais que demandam soluções tradutórias híbridas, capazes de equilibrar som, escrita e sentido.

Dentre os diversos mangás existentes, o mangá *Diários de uma Apotecária* foi o selecionado para esta análise por diversos motivos, entre os quais se destacam: a união de dois mundos culturalmente distintos, o chinês e o japonês, em um mesmo universo ficcional; a complexidade linguística, que combina dois sistemas de escrita na obra em relação a termos, expressões e nomes, representando desafios únicos para o tradutor; o modo como o mangá mistura elementos reais e ficcionais de outras épocas e regiões; e o fato de consistir numa história de romance envolta em mistérios e crimes.

Quanto à escolha da transliteração e da adaptação, que são o mote central deste trabalho, ambas se mostram extremamente relevantes para a análise, em virtude de envolverem diferentes maneiras de lidar com a tradução, conforme o propósito do tradutor. Neste sentido, a Teoria de Skopos, descrita por Hans Vermeer, permite compreender que cada decisão tradutória é guiada por um objetivo específico, sendo uma escolha subjetiva do tradutor, que pode optar por preservar o termo original, transliterando para o idioma de destino, ou adaptar, com o intuito de facilitar a compreensão. Ambos lidam frequentemente com termos e expressões considerados muitas vezes intraduzíveis, isto é, elementos muito específicos da cultura de origem ou de difícil interpretação. Assim, por meio destes procedimentos, o tradutor não apenas transmite informações, mas também contextualiza aspectos culturais e significados implícitos do original. Em especial, tais procedimentos são amplamente aplicados na tradução de nomes próprios, termos culturais, ditados, trocadilhos e onomatopeias.

O referencial teórico para compreender as estratégias tradutórias adotadas apoia-se em importantes referências da tradução, incluindo J. C. Catford (1965); Vinay e Darbelnet e Hans Vermeer (2000); e Heloísa Gonçalves Barbosa (2020).

## CAPÍTULO 1 – A AUTORA E A OBRA

### 1.1 A Autora

A autora, cujo nome é desconhecido, se faz conhecer pelo pseudônimo Natsu Hyūga, sendo uma romancista japonesa de *light novels*<sup>2</sup>, natural da província de Fukuoka. Inicialmente assinava como *Uribō*<sup>3</sup>; no entanto, por uma sugestão editorial, adotou o pseudônimo Natsu Hyūga, derivado de uma fruta típica japonesa, a sua favorita. É comum que escritores de mangá utilizem pseudônimos e evitem a exposição pessoal; muitos não mostram o rosto e chegam a usar máscaras ou fantasias. A própria autora segue essa prática; e em encontros, eventos e entrevistas, costuma se fantasiar de seu personagem original, *Uribō*.

**Figura 1 – A autora caracterizada durante uma entrevista**



*Figura 1 – A autora caracterizada durante uma entrevista*

Fonte: Grupo *The Apothecary Diaries (Kusuriya no Hitorigoto)* - (Facebook, 2025)

Sua obra de estreia, *Kusuriya no Hitorigoto* (*Diários de uma Apotecária*), publicada em 2011 na plataforma *Shōsetsuka ni Narō*<sup>4</sup>, voltada ao gênero de *light novels*, alcançou grande popularidade, sendo, posteriormente, em 2017, adaptada para mangá, que conta atualmente com 15 volumes publicados; e para anime em 2023, que possui até o momento duas temporadas.

<sup>2</sup> *Light Novels* são romances literários populares do Japão.

<sup>3</sup> *Uribō* é um termo em japonês que significa “javali”.

<sup>4</sup> *Shōsetsuka ni Narō* é um website japonês de autopublicação voltado para *light novels*.

## 1.2 A Obra *Diários de uma Apotecária*

Nesta seção, será apresentado um breve resumo da obra analisada. A história acompanha a protagonista Maomao, que inicialmente atuava como *apotecária*<sup>5</sup> em um bordel da capital. Desde jovem, ela recebeu treinamento, até ser sequestrada e vendida como serva ao Palácio Imperial. Embora pretenda permanecer anônima, suas ações chamam a atenção de Renshi, um falso eunuco que, na verdade, é um príncipe e parente do imperador, responsável pela administração do palácio interno, onde residem as consortes do imperador. Ao longo da narrativa, Maomao se envolve na investigação e resolução de diversos mistérios da corte real, utilizando seu conhecimento em venenos, medicina, plantas, tornando-se dama de companhia e provadora de comida para uma das consortes. Porém, além de suas funções oficiais, Maomao realiza uma infinidade de outras tarefas não oficiais, mostrando-se uma personagem versátil, visto que também testa venenos, atua como obstetra e sexóloga das consortes reais, babá, veterinária, costureira e muito mais, sem deixar de resolver tudo, tornando-se praticamente uma “faz-tudo” da corte real, com habilidades aparentemente sem limites.

**Figura 2 – Diários de uma Apotecária**



*Figura 2 – Diários de uma Apotecária*

Fonte: *Diários de uma Apotecária*, vol. 2, versão em japonês, p. 126

---

<sup>5</sup> Profissional especializado em farmácia, boticário ou farmacêutico. Responsável por preparar e vender remédios e drogas medicinais.

### 1.2.1 Entre a história real e a ficção

A partir da contextualização, percebe-se que a obra estabelece um diálogo constante entre aspectos históricos reais e ficcionais. Em sua ambientação, é considerada fundamentada em dois países culturalmente distintos: Japão e China. Na prática, porém, pode-se ver que a obra se apoia mais fortemente na China, embora a autora negue veementemente tal influência.

Na obra, alguns nomes indicam a pronúncia chinesa e os territórios e elementos culturais são majoritariamente chineses; assim considera-se que a obra é quase totalmente inspirada na China, abrangendo diferentes dinastias; evidenciando-se a Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), período em que se iniciaram as práticas medicinais e que serviram como base para o conhecimento médico chinês. A Dinastia Tang (618 – 907), época de expansão da medicina tradicional chinesa, além da representação de vestimentas e costumes, sendo considerada a dinastia mais marcante na ambientação do mangá. Por fim, a Dinastia Ming (1368 – 1644) inspirou principalmente os trajes e alguns aspectos visuais presentes na obra. Há ainda especulações de que a obra também possua relação com a Coreia, sugerindo que a protagonista feminina seja baseada em Dae Jang Geum, primeira médica da realeza coreana.

A autora é japonesa, e já é de conhecimento geral que existe um histórico de atrito entre esses três países. Por esse motivo, a obra recebeu muitas críticas da China e da Coreia, justamente porque a autora não admite que tenha se inspirado neles, o que pode ser interpretado como uma estratégia para evitar polêmicas nacionais. Desta forma, *Diários de uma Apotecária* pode representar uma grande mistura de inspirações, situando-se entre homenagem cultural e apropriação cultural simbólica, adaptadas ao gosto japonês.

Nesta obra, o foco principal está no romance entre as personagens e o desvendamento de mistérios e crimes, relacionados a tentativas de envenenamento, assassinatos e doenças, conduzido pela protagonista Maomao por meio de um tratamento empírico. Para resolver estes casos, ela recorre a procedimentos variados, como investigação, dedução, observação, análises, raciocínio lógico e experimentos com venenos. Essa abordagem remete mais a romances de mistério modernos, estilo Sherlock Holmes, do que à literatura tradicional oriental. Além disso, ao considerar como tais situações eram tratadas antigamente, especialmente aquelas envolvendo mortes suspeitas ou doenças, percebe-se que a protagonista utiliza métodos e técnicas bastante diferentes daqueles empregados na época, baseados na medicina tradicional chinesa (MTC). Isso evidencia que, embora a obra se situe na China Imperial, ainda se trata de uma ficção que se distancia da realidade histórica, inserindo elementos de racionalidade e método científico.

Essa forma de atuação empírica, baseada em experiência, contrasta de maneira clara

com a medicina tradicional chinesa, que se fundamentava na concepção do equilíbrio da energia vital (*qi*). Nessa perspectiva, o indivíduo era considerado doente quando havia um desequilíbrio interno relacionado ao conceito filosófico de *yin* e *yang*, forças opostas que regem o equilíbrio do corpo; o *yin* representa a força escura e negativa, enquanto o *yang* corresponde à força iluminada e positiva.

O restabelecimento do indivíduo, segundo a medicina tradicional chinesa, ocorria por meio de técnicas como acupuntura, uso de ervas medicinais, exercícios de respiração (*Qi Gong*) e práticas de concentração, todas voltadas para restaurar o equilíbrio do corpo. Além disso, valia-se como métodos de diagnóstico tradicionais a auscultação, olfato e verificação da pulsação. É, portanto, possível perceber que a medicina tradicional chinesa se fundamentava mais em critérios subjetivos do que em diretrizes objetivas. No processo de cura do mangá, a protagonista Maomao elabora fórmulas mais complexas e diversificadas, com maiores quantidades de substâncias, muitas delas tóxicas ou venenosas. Em contrapartida, as fórmulas da medicina tradicional chinesa são mais simples, utilizando um número menor de ingredientes, como *ginseng*, gengibre, alcaçuz, crisântemo, entre outros.

Desta forma, também se evidencia que a protagonista é uma figura feminina inteligente e forte, o que configura uma clara liberdade ficcional, uma vez que, historicamente, mulheres raramente ocupavam tais papéis em dinastias antigas, especialmente em contextos de poder. Maomao, ao exercer tantas funções, desafia as normas sociais e culturais da época, oferecendo ao leitor uma perspectiva inédita sobre a atuação feminina em um ambiente tradicionalmente dominado por homens. Esta escolha narrativa não apenas torna a história mais envolvente, mas também permite explorar temas como empoderamento, autonomia e protagonismo feminino em um cenário histórico, ainda que ficcional.

Apesar do mangá ser fundamentado em uma época histórica, alguns elementos de outras épocas e regiões foram incorporados à narrativa, enriquecendo o enredo e ampliando seu caráter ficcional. Entre esses elementos, podem ser citados o cacau, apresentado na forma de afrodisíaco; a panaceia, conhecida na mitologia grega como um remédio capaz de curar todos os males; e referências ao budismo, que contribuem para a construção de um fundo espiritual e simbólico coerente com a ambientação asiática. Também aparecem outras influências tanto da cultura ocidental quanto de diferentes períodos da própria Ásia, complementando e diversificando a história.

### 1.2.2 Sistemas de escrita

A escrita desempenha um papel fundamental na construção de *Diários de uma Apotecária*, uma vez que a autora combina elementos de dois sistemas de escrita que, embora apresentem algumas semelhanças, possuem diferenças significativas: o japonês e o chinês (mandarim). De modo geral, os sistemas de escrita são formas criadas por diferentes povos para representar graficamente sua língua e cultura.

Sabe-se que o sistema de escrita japonês tem origem do chinês; entretanto, ao longo do tempo, o japonês evoluiu de forma independente, tornando-se distinto na escrita e, principalmente, na fala. No caso do mangá analisado, o diferencial em relação a outras obras é que a autora utiliza o chinês de maneira clara, e não apenas o japonês derivado do chinês, evidenciando a presença de ambos os sistemas. Esta combinação linguística, longe de ser apenas um detalhe, acrescenta complexidade à obra e ressalta a influência de elementos chineses, reforçando a ideia de uma inspiração direta da cultura chinesa.

Para compreender melhor essa combinação linguística, é necessário conhecer brevemente os dois sistemas de escrita empregados na obra. O sistema de escrita japonês é composto por três formas distintas, normalmente apresentadas na forma vertical, que é a mais tradicional no Japão, com a leitura da direita para a esquerda. Dentre estas formas, o mais antigo e complexo é o *kanji*, ideogramas derivados do chinês que representam palavras completas e ideias concretas ou abstratas.

**Figura 3 – Evolução do Kanji**



*Figura 3 – Evolução do Kanji*

Fonte: Aulas de Japonês. Disponível em:  
<https://www.aulasdejapones.com.br/alfabeto-japones/>

A partir disso, desenvolveram-se os *kana*, termo geral para dois sistemas silábicos distintos: o *hiragana*, composto por 46 caracteres, criado e tradicionalmente utilizado por mulheres no Japão antigo, sendo atualmente usado para escrever palavras nativas japonesas, partículas, terminações verbais e adjetivos, além de substituir kanji quando este é raro ou de difícil uso; e o *katakana*, igualmente composto por 46 caracteres, empregado principalmente para palavras estrangeiras, onomatopeias e para dar ênfase a determinados termos.

**Figura 4 – Hiragana**

あ A	か KA	さ SA	た TA	な NA	は HA	ま MA	や YA	ら RA	わ WA
い I	き KI	し SHI	ち CHI	に NI	ひ HI	み MI		り RI	
う U	く KU	す SU	つ TSU	ぬ NU	ふ FU	む MU	ゆ YU	る RU	を WO
え E	け KE	せ SE	て TE	ね NE	へ HE	め ME		れ RE	
お O	こ KO	そ SO	と TO	の NO	ほ HO	も MO	よ YO	ろ RO	ん N

*Figura 4 – Hiragana*

**Figura 5 – Katakana**

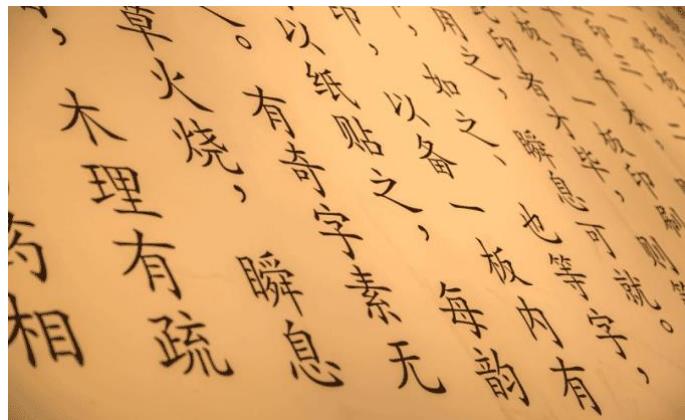
ア A	カ KA	サ SA	タ TA	ナ NA	ハ HA	マ MA	ヤ YA	ラ RA	ワ WA
イ I	キ KI	シ SHI	チ CHI	ニ NI	ヒ HI	ミ MI		リ RI	
ウ U	ク KU	ス SU	ツ TSU	ヌ NU	フ FU	ム MU	ユ YU	ル RU	ヲ WO
エ E	ケ KE	セ SE	テ TE	ネ NE	ヘ HE	メ ME		レ RE	
オ O	コ KO	ソ SO	ト TO	ノ NO	ホ HO	モ MO	ヨ YO	ロ RO	ン N

*Figura 5 – Katakana*

Fonte: Aulas de Japonês. Disponível em:  
<https://www.aulasdejapones.com.br/alfabeto-japones/>

Ao compreender o funcionamento do sistema japonês, torna-se mais fácil perceber sua relação com a escrita chinesa, da qual deriva parte de sua estrutura. Nesse contexto, o sistema de escrita chinês, conhecido como *hanzi*, é composto por caracteres logográficos, em que cada símbolo representa uma ideia, objeto, conceito ou sentimento completo. Cada *hanzi* pode ser utilizado isoladamente ou combinado com outros caracteres para formar palavras e expressões. Existem três tipos principais de caracteres: os pictogramas, mais simples e que representam visualmente aquilo que significam; os ideogramas, que expressam ideias abstratas; e os ideogramas compostos, formados pela combinação de dois ou mais caracteres para criar novos significados. Esses caracteres demonstram como a escrita chinesa integra elementos visuais para expressar conceitos, facilitando a compreensão e a memorização das palavras.

**Figura 6 – Exemplo de *Hanzi***



*Figura 6 – Exemplo de Hanzi*

Fonte: Kumon. Disponível em:  
<https://www.kumon.com.br/blog/japones/diferenca-entre-chines-e-japones/>

Dessa forma, ao comparar os dois sistemas, percebe-se que a principal diferença entre eles está na maneira de representar a linguagem: o japonês combina o som das sílabas com conceitos concretos ou abstratos, dando origem aos ideogramas, enquanto o chinês utiliza exclusivamente símbolos para expressar ideias e palavras. Embora os caracteres chineses e japoneses possam parecer semelhantes à primeira vista, eles se diferenciam significativamente em termos de estrutura e densidade dos traços, uma vez que os caracteres japoneses tendem a ser mais simples, curvos e enxutos. Essa distinção evidencia como o japonês reinterpretou os caracteres chineses, criando um sistema capaz de expressar sons e significados de forma funcional e eficiente.

## CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Tradução de Mangás: História e Desafios

Atualmente, a tradução de mangás já se tornou muito popular, ultrapassou as fronteiras do Japão e passou a ser consumida por públicos de diversas partes do mundo, evidenciando a influência da globalização; um processo de interação cultural e comunicacional que encurta distâncias, promove o conhecimento e impulsiona a aceitação de novas culturas, resultando em um processo de assimilação cultural. Nesse contexto, fica evidente a importância do tradutor, que é responsável por tornar essas obras acessíveis a todos.

No Brasil, a introdução da cultura japonesa ocorreu inicialmente por meio dos animes, nome dado às animações japonesas, que se tornaram muito populares e abriram caminho para a chegada dos mangás. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, as primeiras traduções de mangás chegaram ao país, quando diversas editoras, como Globo, Abril e Nova Sampa, trouxeram obras já traduzidas nos Estados Unidos. Esses primeiros mangás eram traduzidos do inglês, para o português; atualmente, no entanto, os mangás são traduzidos diretamente da versão original em japonês. Tornaram-se extremamente populares no final dos anos 2000, especialmente com a estreia de obras como *Dragon Ball* e *Cavaleiros do Zodíaco*.

Diante disso, reforça-se a importância do tradutor, que garante que essas obras sejam plenamente compreendidas por leitores de diferentes culturas. Para isso, ele precisa dedicar atenção especial aos desafios linguísticos, culturais e estilísticos que caracterizam o gênero, assegurando que a obra seja compreendida em diversos contextos.

Entre os principais desafios da tradução de mangás, destacam-se a complexidade do *kanji*, em que uma palavra pode ter a mesma pronúncia, mas duas formas diferentes de escrita, cada uma com seu significado, sendo, portanto, essencial conhecer bem os caracteres. Além disso, existe a dificuldade de traduzir palavras compostas ou inventadas, que geralmente se relacionam com sentido e natureza. Os autores frequentemente manipulam os caracteres para criar sentidos metafóricos, trocadilhos e piadas. Outro ponto é a organização dos textos nos balõezinhos, de modo que façam sentido no contexto da cena, respeitando também a direção de leitura, que vai da esquerda para a direita. A citação de elementos culturais japoneses, podendo demandar notas de rodapé ou glossários. Por fim, as onomatopeias, figuras de linguagem complexas, super específicas, que são quase impossíveis de traduzir.

## 2.2 Transliteração e a fidelidade sonora

A transliteração, descrita por Catford<sup>6</sup> e aprofundada por Barbosa, é um processo que consiste em substituir palavras da língua de origem por correspondentes na língua de destino que reproduzem o som original, sem levar em conta o significado ou a equivalência. Como procedimento técnico de tradução, a transliteração ocorre em casos de diferenças extremas entre duas línguas, cujos sistemas de escrita ou alfabetos podem não possuir nenhum elemento em comum. Esse procedimento é uma forma de tornar a comunicação mais fluida entre línguas. Não altera o significado das palavras, apenas sua representação visual e sonora, contribuindo para a compreensão entre culturas e facilitando a troca de informações em um mundo globalizado.

Embora seja um procedimento dentro do campo da tradução, a transliteração difere significativamente da própria tradução. Nas palavras de Catford (1980, p. 74)

As regras de transliteração especificam equivalentes de transliteração que diferem duplamente dos equivalentes de tradução: primeiro, por não serem necessariamente relacionáveis com a mesma substância gráfica com que se relacionam as letras da LF<sup>7</sup>; segundo, por haver (nas boas transliterações) correspondência de um a um com letras ou outras unidades da LF.

Essa citação evidencia que a transliteração foca na reprodução fonética dos caracteres da língua de origem, enquanto a tradução converte o conteúdo de uma língua para outra, concentrando-se em transmitir o significado das palavras.

Existem diferentes sistemas de transliteração para converter caracteres específicos. No contexto deste trabalho, serão utilizados dois: *pinyin*, referente à transliteração chinesa; e *rōmaji*, referente à transliteração japonesa. O sistema *pinyin* emprega o alfabeto latino para representar os caracteres chineses, enquanto o *rōmaji* faz o mesmo em relação aos caracteres japoneses, podendo seguir três sistemas de romanização: *Kunrei-shiki*, *Nihon-shiki* e *Hepburn*, sendo este último o mais utilizado.

Na transliteração de ambos os sistemas para o alfabeto latino, surge uma particularidade; em alguns casos, é necessário empregar sinais gráficos em determinadas letras, os quais são incomuns e raramente utilizados nos sistemas de escrita latinos. No *pinyin*, cada sílaba pode receber um dos quatro tons do mandarim com seus respectivos sinais, sendo o primeiro um som longo e nivelado, como em *mā* (mãe); o segundo, ascendente, semelhante à entonação de uma pergunta, como em *má* (cânhamo); o terceiro, descendente e depois ascendente, como em *mǎ* (cavalo); e o quarto, curto e descendente, como em *mà* (repreender). Há ainda o tom neutro,

---

<sup>6</sup> CATFORD, J. C. *Uma teoria linguística da tradução*. São Paulo: Cultrix Ltda, 1980.

<sup>7</sup> LF - Língua fonte

caracterizado por um som leve e sem acentuação, geralmente usado em partículas e palavras de função gramatical. É essencial respeitar essas variações na fala, pois cada tom pode alterar completamente o significado da sílaba. Já no *rōmaji*, utiliza-se o mácron, para indicar as vogais longas, que correspondem à repetição de uma vogal do mesmo som, como em *okāsan* (*okaasan*), que significa “mãe”. Além disso, ao transliterar para o *rōmaji*, observa-se o uso do *tsu* pequeno (つ) no texto original, que no sistema latino é representado pela duplicação da consoante seguinte, criando uma breve pausa na pronúncia, como em *Nippon*, que significa “Japão”. Essas distinções são especialmente relevantes na fala, pois garantem a pronúncia correta, embora na escrita sua importância seja menor.

### 2.3 Adaptação e a busca por equivalência

A adaptação, descrita por Vinay e Darbelnet e também aprofundada por Barbosa, é considerada o limite extremo da tradução. É aplicada quando uma situação presente na língua de origem é desconhecida ou não existe na língua de destino. Nesse caso, os tradutores precisam criar uma situação que possa ser considerada equivalente na língua de destino, tratando-se, portanto, de um tipo de equivalência situacional.

Segundo Vinay e Darbelnet, existem dois eixos principais de tradução: a tradução direta, palavra por palavra; e a tradução oblíqua, que recorre a recursos lexicais ou sintáticos diferentes daqueles empregados no texto original, alterando a forma, mas preservando o conteúdo e a mensagem. A adaptação situa-se no limite desse segundo eixo, sendo empregada quando a tradução literal não é suficiente para manter o sentido do texto na língua de chegada. Por constituir o limite extremo da tradução, torna-se necessária, em certos casos, para preservar a estrutura sintática e o desenvolvimento das ideias. Assim, representa um recurso fundamental para que a mensagem original seja transmitida de maneira clara e eficaz. No capítulo dedicado a Vinay e Darbelnet, Lawrence Venuti (2000, p. 90)<sup>8</sup> sintetiza a relevância desse procedimento no processo tradutório.

A recusa em fazer uma adaptação é invariavelmente percebida dentro de uma tradução, porque afeta não apenas a estrutura sintática, mas também o desenvolvimento das ideias e a forma como elas são representadas no parágrafo. Embora os tradutores possam produzir um texto perfeitamente correto sem adaptação, a ausência de adaptação ainda pode ser percebida por um tom indefinível, algo que não soa exatamente certo.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> VENUTI, Lawrence (org.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

<sup>9</sup> No original: The refusal to make an adaptation is invariably detected within a translation because it affects not only the syntactic structure, but also the development of ideas and how they are represented within the paragraph. Even though translators may produce a perfectly correct text without adaptation, the absence of adaptation may still be noticeable by an indefinable tone, something that does not sound quite right.

## 2.4 Aplicação da Transliteração e da Adaptação em *Diários de uma Apotecária*

A presença de elementos linguísticos e culturais de diferentes origens nesse mangá torna essencial o uso da transliteração e da adaptação, pois *Diários de uma Apotecária* combina aspectos japoneses com referências à cultura e à terminologia chinesa. Esses procedimentos permitem que o tradutor mantenha o sentido e a coerência do texto, mesmo quando não há equivalentes diretos na língua de chegada, e evidenciam que cada decisão tradutória é guiada pelo objetivo e propósito da tradução, considerando as particularidades estruturais e culturais que caracterizam o mangá. Dessa forma, fica claro que cada decisão tradutória reflete a subjetividade e as escolhas interpretativas do tradutor para adequar o conteúdo às especificidades culturais e linguísticas da língua de destino.

Como citado no capítulo dedicado a Hans Vermeer, Lawrence Venuti (2000, p. 221)<sup>10</sup> evidencia que o objetivo da tradução deve sempre estar claramente definido, pois é ele que orienta as escolhas e estratégias do tradutor ao longo do processo tradutório.

O objetivo de qualquer ação tradutória, e a forma como ele deve ser realizado, são negociados com o cliente que encomenda a ação. A especificação precisa do objetivo e da forma de realização é essencial para o tradutor. Isso é, naturalmente, igualmente válido para a tradução propriamente dita: *skopos* e modo de realização devem ser adequadamente definidos para que o tradutor possa cumprir sua tarefa com sucesso.<sup>11</sup>

Nesse sentido, o mangá exige decisões tradutórias constantes, pois diversos elementos reforçam sentidos que nem sempre podem ser replicados na tradução. Elementos como onomatopeias, trocadilhos, formas de tratamento e referências culturais muitas vezes demandam o uso da adaptação para que o leitor da língua de chegada compreenda sua intenção narrativa. Assim, a adaptação torna-se essencial para preservar não apenas o significado, mas também o efeito comunicativo desses elementos, ajustando-os ao contexto cultural, sem comprometer a essência da obra.

No que diz respeito à transliteração neste mangá, destaca-se o uso do *furigana*, pequenos caracteres, geralmente em *hiragana*, ou em *katakana* quando a palavra é de origem estrangeira, escritos acima ou ao lado de um *kanji* para indicar sua pronúncia. Seu objetivo é auxiliar o leitor a compreender a leitura correta do *kanji*, que pode variar conforme a palavra. No mangá *Diários de uma Apotecária*, esse recurso não tem apenas uma função linguística, mas também estética,

---

<sup>10</sup> VENUTI, Lawrence (org.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

<sup>11</sup> No original: The aim of any translational action, and the mode in which it is to be realized, are negotiated with the client who commissions the action. A precise specification of aim and mode is essential for the translator.— This is of course analogously true of translation proper: *skopos* and mode of realization must be adequately defined if the text-translator is to fulfil his task successfully.

ao integrar texto e imagem de forma harmoniosa, tornando a leitura mais fluida e imersiva, sem quebrar o ritmo narrativo visual. Além disso, possui um valor cultural, pois reflete a maneira como a língua japonesa combina elementos de escrita e oralidade, aproximando o leitor da sonoridade do idioma original.

No processo tradutório, o *furigana* serve como um guia essencial na escolha do procedimento mais adequado, seja transliterar ou adaptar, pois orienta a leitura e ajuda a distinguir corretamente diferentes leituras de um mesmo *kanji*, evitando equívocos de interpretação. Esse recurso é fundamental, contribuindo não apenas para a preservação do sentido e da experiência da obra, mas também para a fidelidade cultural e fonética do texto traduzido, mantendo a integridade do mangá.

**Figura 7 – Exemplo de Furigana**



*Figura 7 – Furigana*

Fonte: Japonês de Anime. Disponível em:  
<https://www.japonesdeanime.com.br/2016/12/furigana-significado.html>

**Figura 8 – Exemplo de Furigana no mangá**



*Figura 8 – Exemplo de Furigana no mangá*

Fonte: *Kusuriya no Hitorigoto*, vol. 2, versão em japonês, p. 140

Com base nessas considerações sobre o papel do *furigana* e suas implicações na tradução, observa-se que, na versão em português, realizada por Jéssica Ilha da Silva e publicada pela editora Panini, há uma preferência pela transliteração, especialmente de nomes próprios e termos culturais, com o uso ocasional de notas explicativas. Já na tradução em inglês, feita por Julie Goniwich e publicada pela editora Square Enix, há maior tendência à adaptação, buscando tornar o texto mais acessível ao leitor. Essas diferenças evidenciam abordagens tradutorias distintas, que serão discutidas com maior profundidade no Capítulo 4, dedicado à análise dos exemplos selecionados.

**Figura 9 – Exemplo comparativo de Transliteração (PT) e Adaptação (EN)**



*Figura 9 – Exemplo comparativo de Transliteração (PT) e Adaptação (EN)*

Fonte: *Diários de uma Apotecária*, vol. 1, versões em português e inglês, p. 132

Tais questões tornam evidente que, em *Diários de uma Apotecária*, a transliteração e a adaptação não são apenas escolhas técnicas, mas estratégias necessárias para lidar com a complexidade do mangá, que envolve múltiplas camadas culturais, referências linguísticas e nuances expressivas próprias do gênero mangá.

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Este trabalho tem caráter qualitativo e descritivo e baseia-se em uma análise conduzida por meio de uma abordagem interpretativa e comparativa entre traduções em língua inglesa e portuguesa de textos originalmente escritos em japonês. Para tal, adotaram-se métodos comparativos que permitiram observar, descrever e interpretar diferenças tradutórias presentes nas duas línguas de chegada. Foram selecionados principalmente nomes próprios e termos culturais do mangá *Diários de uma Apotecária*, com o objetivo de analisar as escolhas tradutórias por meio de dois procedimentos técnicos de tradução: transliteração e adaptação. A análise não envolveu contagens estatísticas, pois o foco não está na frequência das ocorrências, mas nos sentidos culturais envolvidos e nas implicações tradutórias. O objetivo é identificar tendências, padrões e possíveis justificativas para as decisões tomadas pelos tradutores, priorizando a interpretação e considerando os aspectos culturais presentes na obra.

A seleção desses nomes e termos seguiu critérios que possibilitaram a criação de um corpus representativo e relevante, tais como a função de realçar diferenças entre os idiomas de chegada; a capacidade de revelar contrastes entre os procedimentos tradutórios analisados; a relevância cultural por estarem diretamente associados a elementos da cultura chinesa ou japonesa e por carregarem forte carga linguística; a importância narrativa, sobretudo quando vinculados a personagens centrais ou elementos estruturantes da história; e o impacto que exercem sobre a compreensão do leitor, visto que escolhas tradutórias distintas podem modificar a forma como o público percebe o conteúdo. Esses critérios permitiram identificar e evidenciar diferenças marcantes entre as traduções, revelar tendências nas escolhas dos tradutores e esclarecer o papel que desempenham na construção cultural e linguística da obra.

A escolha por concentrar o estudo nos procedimentos de transliteração e adaptação fundamenta-se no papel central que ambos desempenham na tradução de nomes próprios e termos culturais. Esses procedimentos são particularmente relevantes porque envolvem diretamente aspectos fonéticos, culturais e identitários da obra, permitindo examinar como cada língua de chegada lida com elementos culturais. Além disso, refletem diferentes maneiras de o tradutor lidar com o texto conforme o propósito do tradutor. Nesse sentido, a Teoria do Skopos auxilia na compreensão de que cada decisão tradutória é guiada por um propósito específico. Assim, o tradutor pode optar por preservar o termo original, transliterando-o ou adaptando.

Essa escolha metodológica dialoga com a tradição dos estudos da tradução, especialmente com as contribuições de Catford (1965), Vinay e Darbelnet e Hans Vermeer (2000) e Heloísa Barbosa (2020). Optou-se por não analisar outros procedimentos, pois isso

desviaria o foco do problema investigado, que se concentra especificamente na forma como termos culturalmente carregados são tratados nas traduções.

Em relação ao uso desses procedimentos, o *furigana*, a representação sonora que acompanha os kanji, mostrou-se indispensável, pois compõe a identidade gráfica dos mangás, indica a pronúncia dos caracteres e influencia diretamente as escolhas tradutórias, especialmente no que diz respeito à transliteração. Seu uso está intimamente ligado ao modo como o tradutor decide entre aproximações fonéticas japonesas ou chinesas, o que reforça seu papel central na análise. Para registrar adequadamente essas variações fonéticas na transliteração de termos japoneses e chineses, foi necessário empregar sinais diacríticos pouco usuais, obtidos por meio de ferramentas internas do sistema Windows que disponibilizam acentos e símbolos do sistema latino ampliado.

Os dados foram coletados por meio da leitura minuciosa dos três primeiros volumes do mangá nas versões inglesa e portuguesa, com verificação posterior dos termos no original japonês. A escolha de trabalhar com os volumes iniciais se justifica por apresentarem o contexto geral da narrativa e introduzirem os elementos culturais fundamentais da obra. Já a opção pelas versões em inglês e português está relacionada ao domínio dos três idiomas envolvidos (português, inglês e japonês), o que permitiu uma análise mais precisa.

Durante a pesquisa, foi possível estabelecer contato com a tradutora da versão em português, Jéssica Ilha da Silva, com quem foram realizadas diversas entrevistas para esclarecer dúvidas específicas sobre as decisões adotadas no processo de tradução. Esse diálogo direto permitiu compreender de forma mais aprofundada as motivações por trás de certos usos recorrentes na edição brasileira e forneceu informações valiosas que complementaram a análise comparativa, sobretudo no que diz respeito ao perfil da tradução publicada no Brasil. A partir dessas conversas, percebeu-se que a tradução brasileira, publicada pela Panini, segue um estilo editorial que tende a preservar elementos culturais do original, refletindo o interesse dos leitores em manter contato direto com referências asiáticas. Em contraste, a tradução inglesa da Square Enix segue o padrão norte-americano de publicação de mangás, priorizando fluidez, acessibilidade e clareza, voltando-se para um público que nem sempre possui familiaridade com elementos culturais asiáticos. Essas diferenças de perfil editorial e de público-alvo influenciam diretamente as escolhas tradutórias observadas entre as duas versões.

Para organizar a análise, foram definidos três tópicos, cada um composto por suas respectivas tabelas: o primeiro dedicado ao uso exclusivo da transliteração, dividido em duas tabelas, uma de nomes próprios e outra de termos culturais; o segundo apresentando os casos em que a versão portuguesa translitera enquanto a inglesa adapta, reunidos em uma tabela de

termos culturais; e o terceiro contendo o caso inverso, em que a tradução portuguesa opta pela adaptação e a inglesa pela transliteração, também reunidos em uma tabela de termos culturais.

Cada tabela é estruturada em sete seções. As três primeiras, dispostas lado a lado, apresentam: (1) o termo original em *kanji* acompanhado de seu *furigana*; (2) a transliteração do *furigana*; e (3) o volume e a página em que o termo ocorre, seguidos por uma linha de comentário. A parte inferior contém quatro seções organizadas em duas linhas: (4) o termo em *rōmaji*, a transliteração japonesa; (5) o termo em *pinyin*, a transliteração chinesa; e, abaixo delas, outra linha de comentário; além de (6) a forma adotada na tradução portuguesa e (7) o termo utilizado na versão inglesa, ambas igualmente acompanhadas de uma linha de comentário. Todos os comentários têm como objetivo discutir relações entre as seções e analisar aspectos fonéticos, culturais e tradutórios relevantes.

A seguir, apresenta-se o modelo de tabela utilizado na análise, estruturado para reunir o termo original, seu furigana, suas formas de transliteração e as escolhas realizadas nas traduções, permitindo observar e comparar os procedimentos tradutórios adotados:

NOMES PRÓPRIOS ou TERMOS CULTURAIS		
ORIGINAL MANGÁ	FURIGANA	Volume e Página
xxxx	xxxx	xxxx
<b>Comentário:</b> xxxx		
RŌMAJI		PINYIN
xxxx		xxxx
<b>Comentário:</b>		
TRADUÇÃO PORTUGUÊS		TRADUÇÃO INGLÊS
xxxx		xxxx
<b>Comentários:</b> xxxx		

Tabela Exemplo – Nomes Próprios ou Termos Culturais

Algumas limitações foram enfrentadas durante a pesquisa, como o acesso restrito às edições físicas, apenas os três primeiros volumes em cada idioma, o que pode não representar toda a complexidade linguística presente nos demais volumes da obra. Ainda assim, acredita-se que o estudo apresenta resultados consistentes, capazes de contribuir para a compreensão dos mecanismos e tendências tradutórias das versões analisadas e de enriquecer o campo dos estudos da tradução de língua japonesa.

## CAPÍTULO 4 – A OBRA ORIGINAL E AS SUAS TRADUÇÕES: ANÁLISE COMPARATIVA DE PALAVRAS SELECIONADAS

Neste capítulo da análise, foram selecionadas palavras que evidenciam, de maneira mais favorável, os procedimentos adotados, transliteração e adaptação, permitindo examinar como os tradutores enfrentam os desafios linguísticos e culturais da obra.

### 3.1 Análise dos Procedimentos de Transliteração:

No presente tópico, são analisados nomes próprios e termos culturais para os quais se verificou exclusivamente o uso da transliteração.

#### 3.1.1 Transliteração: Nomes Próprios

NOMES PRÓPRIOS		
ORIGINAL MANGÁ	FURIGANA	Volume e Página
玉葉 (ギョクヨウ)	Gyokuyoo	Volume 1 - Pág. 21
壬氏 (ジンシ)	Jinshi	Volume 1 - Pág. 37
李白 (リハク)	Rihaku	Volume 2 - Pág. 108
女華 (ジョカ)	Joka	Volume 3 - Pág. 62
白鈴 (ペイリン)	Pairin	Volume 3 - Pág. 62

**Comentário:** De modo geral, os caracteres apresentam significados tanto em chinês quanto em japonês. Nos nomes analisados, mesmo quando a origem é chinesa, o *furigana* reflete a leitura japonesa, um procedimento comum em obras ambientadas em contextos históricos estrangeiros. Essa escolha promove uniformidade de leitura para o público japonês e situa alguns dos nomes em um contexto diretamente inspirado na China imperial, refletindo suas referências históricas e culturais.

RŌMAJI	PINYIN
Gyokuyō	Yù Yè
Jinshi	Rén Shì
Rihaku	Lǐ Bái
Joka	Nǚ Huá
Pairin	Bái líng

**Comentário:** O quadro evidencia as diferenças entre a leitura chinesa e a japonesa; essas variações mostram como o mesmo nome pode ter pronúncias distintas. Nesse contexto, o tradutor pode optar por transliterar conforme o *furigana*, seguindo a leitura japonesa, ou considerar a influência chinesa do caractere e realizar a transliteração a partir do chinês. Essa decisão influencia a familiaridade do leitor com os nomes e contribui para reforçar a

ambientação cultural do mangá, mantendo a coerência com o cenário histórico e cultural inspirado na China imperial.

TRADUÇÃO PORTUGUÊS	TRADUÇÃO INGLÊS
Yuye	Gyokuyō
Renshi	Jinshi
Libai	Lihaku
Nuhua	Joka
Bailing	Pailing

**Comentário:** A tradução em português privilegia a transliteração segundo a leitura chinesa dos caracteres, aplicando esse padrão a todos os nomes, independentemente de sua origem, enquanto a tradução em inglês mantém a pronúncia indicada pelo *furigana*, preservando a distinção entre nomes chineses e japoneses, e como indicado na tabela, apresentam origem chinesa, mas possuem a pronúncia japonesa. Essa diferença evidencia escolhas tradutórias distintas, refletindo abordagens culturais e linguísticas variadas para o mesmo nome.

Tabela 1 – Transliteração: Nomes Próprios

### 3.1.2 Transliteração: Termos Culturais

TERMOS CULTURAIS		
ORIGINAL MANGÁ	FURIGANA	Volume e Página
包子 (バオズ)	Baozu	Volume 1 - Pág. 77
小 (シャオ)	Shyao	Volume 1 - Pág. 141

**Comentário:** Foram identificados apenas dois termos culturais nos três primeiros volumes selecionados. Ambos possuem *furigana* com pronúncia chinesa, refletindo sua origem cultural. O primeiro, *Baozu*, é uma comida típica chinesa, enquanto o segundo, *Shyao*, é um termo utilizado para se referir aos jovens na China. Esses exemplos evidenciam a presença de elementos culturais chineses na obra.

RŌMAJI	PINYIN
Baozu	Bāozǐ
Shyao	Xiǎo

**Comentário:** A escrita segue o padrão japonês, mas a pronúncia soa como a chinesa, mantendo a fonética dos termos de origem chinesa, enquanto a transliteração chinesa mostra a forma original do termo. Isso evidencia como o mesmo elemento pode apresentar escritas diferentes dependendo da língua considerada, mas manter pronúncias semelhantes.

TRADUÇÃO PORTUGUÊS	TRADUÇÃO INGLÊS
Baozi	Baozi
Xiao	Xiao

**Comentário:** Ambas as traduções priorizaram a transliteração chinesa, considerando que se trata de termos culturalmente reconhecíveis para o público familiarizado com essa cultura. No que tange à versão em inglês, percebe-se que a transliteração é menos comum. Esse uso mais restrito evidencia a tendência do inglês de adaptar a maioria dos termos estrangeiros, enquanto a versão em português busca preservar a conexão com a cultura de origem, neste caso, a cultura do mangá, que tem inspiração na China.

Tabela 2 - Transliteração: Termos Culturais

### 3.2 Análise dos Procedimentos de Transliteração vs. Adaptação:

No presente tópico, são analisados os procedimentos de transliteração vs. adaptação observados nas traduções para o português e para o inglês. Ao comparar situações em que o português translitera e o inglês adapta, e outras em que o inglês translitera e o português adapta.

#### 3.2.1 Português Translitera vs. Inglês Adapta: Termos Culturais

TERMOS CULTURAIS		
ORIGINAL MANGÁ	FURIGANA	Volume e Página
饅頭 (まんじゅう)	Manjuu	Volume 1 - Pág. 80
煎餅 (せんべい)	Senbei	Volume 1 - Pág. 132
小姐 (ねえちゃん)	Neechan	Volume 2 - Pág. 47
山楂子 (さんざし)	Sanzashi	Volume 3 - Pág. 52
月餅 (げつぱい)	Geppei	Volume 3 - Pág. 173

**Comentário:** Esta tabela foi com o maior número de termos encontrados, evidenciando a tendência do português em transliterar abundantemente, enquanto o inglês adapta a maioria dos termos. Todos possuem fonética japonesa indicada pelo *furigana*; contudo, são também palavras com caracteres chineses e, nesse caso, a autora poderia ter optado pelo *furigana* com pronúncia chinesa, reforçando a conexão com a cultura de origem.

RŌMAJI	PINYIN
Manjū	Mántou
Senbei	Jiānbīng
Nēchan	Xiǎojiě
Sanzashi	Shānzhā
Geppei	Yuèbǐng

**Comentário:** Na transliteração japonesa para o alfabeto latino, é possível notar suas particularidades, como o uso de acentos e da dupla consoante derivada do *tsu* pequeno. Esses termos têm origem chinesa, mas foram incorporados ao japonês como empréstimos, sofrendo alterações fonéticas significativas e tornando-se parte do vocabulário cotidiano. Já na transliteração chinesa, os termos permanecem próximos à forma original, preservando pronúncia e escrita. Essa diferença evidencia como cada língua opta entre preservar a forma

original dos termos ou adaptá-los à própria pronúncia.

TRADUÇÃO PORTUGUÊS	TRADUÇÃO INGLÊS
Xianbei	Rice crackers
Mantou	Aphrodisiac-laced buns
Xiaojie	Ladies
Shanzha	Hawthorn fruits
Yuebing	Mooncakes

**Comentário:** Observa-se nitidamente a diferença entre o português, que tende a transliterar termos, e o inglês, que prefere adaptar. Essa escolha influencia diretamente a experiência do leitor: a transliteração preserva a sonoridade e a autenticidade cultural, enquanto a adaptação facilita a compreensão, mas pode reduzir nuances do contexto original. Um exemplo interessante que surgiu em uma das conversas com a tradutora brasileira, que revelou ter sido um dos maiores desafios, foi o termo com a transliteração do *furigana*: *senbei*. Conforme explicado pela tradutora, os ideogramas desta palavra são lidos *jiānbīng* em chinês, mas designam uma comida diferente daquela representada no mangá. Dessa forma, na tradução para o português, que tende a preservar a fonética chinesa, a tradutora e a editora optaram por utilizar o nome em chinês *Xianbei*, adequando o termo ao contexto e mantendo a conexão cultural.

Tabela 3 - Português Translitera vs. Inglês Adapta: Termos Culturais

### 3.2.2 Inglês Translitera vs. Português Adapta: Termos Culturais

TERMOS CULTURAIS		
ORIGINAL MANGÁ	FURIGANA	Volume e Página
尚服 (しょうふく)	Shoofuku	Volume 1 - Pág. 43
<b>Comentário:</b> O único termo encontrado nos três primeiros volumes da obra original em que o inglês translitera e o português adapta, <i>shofuku</i> , refere-se às mulheres responsáveis pelas vestimentas da corte real. O <i>furigana</i> orienta a leitura japonesa, embora o termo seja originalmente de origem chinesa, significando literalmente “profissão das cortes chinesas”. Essa escolha evidencia como o mangá mantém a pronúncia japonesa mesmo em palavras de origem chinesa.		

RŌMAJI	PINYIN
Shōfuku	Shàng Fú

**Comentário:** O termo é de origem chinesa e, na transliteração chinesa, recebe sua leitura original em chinês, enquanto a transliteração japonesa incorporou o termo e desenvolveu uma pronúncia própria. Os caracteres são os mesmos, mas cada língua atribui uma leitura distinta. Esse fenômeno é comum no vocabulário japonês, em que muitos termos chineses foram absorvidos e adaptados foneticamente ao longo dos séculos. A coexistência das duas leituras evidencia o entrelaçamento cultural e linguístico, mostrando como cada sistema ajusta a pronúncia conforme sua estrutura fonética.

TRADUÇÃO PORTUGUÊS	TRADUÇÃO INGLÊS
--------------------	-----------------

Auxiliar de rouparia	Shang fu
<p><b>Comentário:</b> Em uma das entrevistas realizadas com a tradutora brasileira do original em língua japonesa, ela explicou que, por se tratar de uma profissão, não faria sentido manter o termo transliterado do chinês na versão em português. Por esse motivo, optou por adaptá-lo para “auxiliar de rouparia”, facilitando a compreensão do leitor. Ainda assim, incluiu uma nota de rodapé para contextualizar o termo original. Já na tradução inglesa, ocorreu o oposto do padrão observado nos demais termos analisados; optou-se por transliterar diretamente do chinês em vez de adaptar, mesmo sendo um termo pouco conhecido pelo leitor ocidental, o que torna essa escolha um pouco inesperada. Ainda assim, foi adicionada uma nota de rodapé para explicar o conceito. Isso mostra que, embora cada língua tenha uma tendência geral, as escolhas finais dependem do tradutor, que decide qual estratégia funciona melhor para aquele termo.</p>	

Tabela 4 - Inglês Translitera vs. Português Adapta: Termos Culturais

### 3.3 Discussão dos Resultados e Tendências Identificadas

A análise das duas traduções revela diferenças claras na forma como cada idioma lida com nomes próprios e termos culturais. No que diz respeito à transliteração, a versão em português, a opção predominante foi pelo uso da transliteração dos nomes próprios e da maioria dos termos culturais, priorizando a forma chinesa, mesmo quando a pronúncia remetia ao japonês. Essa escolha, segundo as diversas entrevistas com a tradutora Jéssica Ilha da Silva, buscou preservar a coerência cultural do mangá, complementada por notas de rodapé explicativas sempre que necessário. Na versão em inglês, por sua vez, observa-se uma maior flexibilidade; nomes com leitura japonesa são mantidos em japonês, enquanto aqueles de leitura chinesa permanecem em chinês. Em relação aos termos, nota-se que a tradução em inglês recorre raramente à transliteração, preferindo estratégias de adaptação que favorecem a clareza e a imediata compreensão dos leitores. Essas alternâncias refletem uma falta de uniformidade, possivelmente decorrente do próprio caráter híbrido da obra original, que alterna elementos das duas línguas.

No que se refere especificamente ao uso da adaptação, nota-se que a tradução em português privilegia a transliteração com explicações, empregando a adaptação apenas em pouquíssimos casos. Em contrapartida, na tradução para o inglês, nota-se um maior uso da adaptação justamente nos trechos em que o português optou pela transliteração.

Essa relação inversa entre as duas versões evidência abordagens tradutórias distintas, enquanto o português busca preservar o contato direto com a cultura retratada no mangá, fortemente baseada na China, enquanto o inglês procura facilitar o entendimento do leitor, priorizando a clareza e o reconhecimento imediato do texto original, alinhando-se mais estreitamente às escolhas observadas na obra original.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender de forma mais ampla e detalhada como a tradução dos três primeiros volumes de *Diários de uma Apotecária* envolve um conjunto complexo de decisões linguísticas e culturais. A obra original se caracteriza por uma convivência constante entre elementos japoneses e chineses, o que exige do tradutor uma postura interpretativa às particularidades de cada termo, sobretudo quando se trata de nomes próprios e termos culturais.

A comparação entre as traduções para o português e para o inglês evidenciou tendências distintas, mas também evidenciou que essas tendências podem variar conforme o nome e termo analisado. De modo geral, observou-se que a tradução brasileira recorre com maior frequência à transliteração chinesa, mesmo em casos em que o termo, no mangá, recebe leitura japonesa, preservando a sonoridade e os traços culturais associados ao contexto chinês que fundamenta a ambientação da obra. Já a tradução para o inglês tende a privilegiar a adaptação, buscando tornar o texto mais familiar e acessível ao leitor ocidental, mesmo que isso resulte em um distanciamento do significado original.

A presença do *furigana* mostrou-se fundamental para compreender essas escolhas. Como guia de leitura, indica a pronúncia pretendida pela autora, às vezes aproximando o leitor de uma leitura chinesa, outras vezes reforçando a pronúncia japonesa de caracteres originalmente chineses. Essa coexistência linguística mostra que o mangá não estabelece uma única leitura, mas fornece indicações que o tradutor precisa interpretar. Assim, a decisão entre transliterar ou adaptar muitas vezes deriva da forma como o *furigana* orienta, ou não, a leitura, e de como o tradutor entende essa orientação dentro do contexto narrativo.

No entanto, também foi possível observar que essas tendências podem se inverter, como no caso em que o português optou por adaptar e o inglês por transliterar. Esse tipo de ocorrência revela que, embora cada língua apresenta uma tendência geral, as escolhas finais dependem sobretudo do propósito da tradução e das decisões do tradutor sobre o que considera melhor para cada termo específico, e para o efeito pretendido na leitura.

É justamente nesse ponto que a Teoria de Skopos se torna relevante; pois cada tradução adota um propósito diferente, o que influencia diretamente a escolha dos procedimentos. A edição brasileira parece priorizar a preservação das referências culturais asiáticas, enquanto a edição inglesa privilegia a fluidez e a acessibilidade. Desse modo, a escolha entre transliteração e adaptação não depende apenas da natureza do termo, mas da função que ele deve cumprir dentro da tradução e dos objetivos definidos para o público-alvo.

Esses aspectos evidenciam que as decisões do tradutor envolvem considerar o efeito desejado no leitor, o perfil editorial e as expectativas culturais de cada mercado. Em outras palavras, cada tradução constrói sua própria lógica e propósito, que orientam a decisão final entre transliterar ou adaptar.

Relacionando esses resultados à base teórica apresentada, observa-se que os conceitos de Catford, Vinay e Darbelnet, Hans Vermeer, Heloisa Barbosa, mostram-se fundamentais para compreender as escolhas tradutórias observadas. A análise dos exemplos deixou claro que traduzir mangás não se limita a converter palavras entre línguas; trata-se de um processo complexo de construção de sentidos entre culturas. Cada nome, cada termo e cada referência histórica do mangá carrega significados simbólicos vinculados tanto à cultura japonesa quanto à chinesa, exigindo do tradutor sensibilidade para manter a fidelidade ao original sem abrir mão da clareza para o leitor nem da complexidade cultural da obra.

Conclui-se, portanto, que *Diários de uma Apotecária* exige do tradutor um olhar multilíngue e multicultural, atento às camadas históricas, linguísticas e narrativas que o compõem. Tanto a transliteração quanto a adaptação se revelam ferramentas indispensáveis e complementares. Em síntese, a tradução dessa obra mostra que cada escolha, seja transliterar, adaptar ou explicar, envolve negociar entre línguas, culturas e expectativas do leitor. Assim, a tradução revela um conjunto de decisões cuidadosas, em que o tradutor, mais do que apenas transmitir palavras, desempenha um papel ativo na reconstrução dos sentidos entre culturas.

Embora este estudo se limite à análise dos três primeiros volumes do mangá, seus resultados podem apontar caminhos promissores para pesquisas futuras, como a comparação com volumes posteriores, com outras traduções ou com as versões diferentes, como *anime* e *light novel*. Em uma perspectiva mais ampla, este trabalho pretendeu contribuir para a compreensão de como obras que combinam múltiplas tradições linguísticas desafiam modelos tradicionais de tradução e exigem abordagens que considerem, além do texto verbal, seus contextos culturais, históricos e visuais.

Os resultados reforçam também a relevância de estudos na área de tradução de mangás, um campo em crescimento que exige do tradutor atenção a camadas linguísticas e culturais que não aparecem com a mesma intensidade em outros gêneros. Dessa forma, este estudo teve como objetivo mostrar que traduzir não é simplesmente repetir o texto de origem, mas reconstruí-lo na língua de chegada de modo que preserve sua complexidade cultural, suas intenções comunicativas e sua identidade narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGBT. *Transliteração: o que é e como aprender?* Disponível em: <https://www.agbt.com.br/blog/transliteracao-o-que-e-e-como-aprender/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos de tradução: Uma nova proposta*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2020.

BLOG BBM. *Desmistificando: Quais as maiores dificuldades na tradução do japonês?* Disponível em: <https://blogbbm.com/2016/06/09/desmistificando-quais-as-maiores-dificuldades-na-traducao-do-japones/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

Brasil Escola. *O que é mangá?* Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/artes/o-que-e-manga.htm>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

BRAZILTS. *O que é transliteração?* Disponível em: <https://www.brazilts.com.br/blog/o-que-e-transliteracao/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Translation*. London: Oxford University Press, 1965.

Embaixada do Japão no Brasil. *Língua Japonesa*. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/linguajaponesa.html>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

FANDOM. *Natsu Hyūga*. Disponível em: [https://kusuriya.fandom.com/wiki/Natsu\\_Hy%C5%ABga](https://kusuriya.fandom.com/wiki/Natsu_Hy%C5%ABga). Acesso em: abr.–nov. 2025.

FANDOM. *The Apothecary Diaries*. The Apothecary Diaries Wiki. Disponível em: [https://kusuriya.fandom.com/wiki/The\\_Apothecary\\_Diaries](https://kusuriya.fandom.com/wiki/The_Apothecary_Diaries). Acesso em: abr.–nov. 2025.

FLUENCY. *Alfabeto chinês: estrutura, caracteres e dicas de estudo*. Disponível em: <https://fluency.io/br/blog/alfabeto-chines/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

HYUUGA, N. *Kusuriya no Hitorigoto*. Vol. 1. Japan, Square Enix 2017.

HYUUGA, N. *The Apotecary Diaries*. United States: Square Enix, 2020. Trad. Julie Goniewich.

HYUUGA, N. *Diários de uma apotecária*. Barueri, SP: Panini, 2024. Trad. Jéssica Ilha.

KUMON. *Diferença entre chinês e japonês*. Disponível em: <https://www.kumon.com.br/blog/japones/diferenca-entre-chines-e-japones/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

MSD Manuals. *Medicina Tradicional Chinesa (MTC)*. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/casa/assuntos-especiais/medicina-integrativa-complementar-e-alternativa/medicina-tradicional-chinesa-mtc>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

NRaizes. *História da Medicina Chinesa*. Disponível em: <https://nraizes.com.br/historia-medicina-chinesa/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

OTAKUPT. *The Apothecary Diaries* está a causar polémica entre japoneses, chineses e sul-coreanos. Disponível em: <https://www.otakupt.com/anime/the-apothecary-diaries-esta-a-causar-polemica-entre-japoneses-chineses-e-sul-coreanos/>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

SCHUABB, Rafael. *Tradução e adaptação de mangás: uma prática linguístico-cultural*. TradTerm, USP, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/download/36763/39485/43301>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

VENUTI, Lawrence (org.). *The Translation Studies Reader*. 2004. Routledge.

VERMEER, Hans. Skopostheorie. In: VENUTI, Lawrence (org.). *The Translation Studies Reader*. 2004. Routledge.

VILELA, Túlio. *China Medieval – Dinastias Sui e Tang: reunificação e esplendor do império chinês*. UOL Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/china-medieval-dinastias-sui-e-tang-reunificacao-e-esplendor-do-imperio.htm>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

VINAY, J.P. & DARBELNET, J. A Methodology for Translation. In: VENUTI, Lawrence (org.). *The Translation Studies Reader*. 2004. Routledge.

WIKIPEDIA. *Furigana*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Furigana>. Acesso em: nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Kusuriya no Hitorigoto*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Kusuriya\\_no\\_Hitorigoto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kusuriya_no_Hitorigoto). Acesso em: abr.–nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Natsu Hyūga*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Natsu\\_Hy%C5%ABga](https://en.wikipedia.org/wiki/Natsu_Hy%C5%ABga). Acesso em: abr.–nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Original English-language manga*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Original\\_English-language\\_manga](https://en.wikipedia.org/wiki/Original_English-language_manga). Acesso em: abr.–nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Rōmaji*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C5%8Dmaji>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Senbei*. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Senbei>. Acesso em: abr.–nov. 2025.

WIKIPEDIA. *Shōsetsuka ni Narō*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sh%C5%8Dsetsuka\\_ni\\_Nar%C5%8D](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sh%C5%8Dsetsuka_ni_Nar%C5%8D). Acesso em: abr.–nov. 2025.